

**“A BALADA DO FALSO MESSIAS” DE MOACYR SCLiar: UM PASSEIO PELOS
PORÕES DO JUDAÍSMO**

**MOACYR SCLiar’S “THE BALLAD OF THE FALSE MESSIAH”: A WALK
THROUGH THE BASEMENTS OF JUDAISM**

Saul Kirschbaum*

Resumo:

Algumas obras de Moacyr Scliar poderiam, propriamente, ser agrupadas sob a denominação “passeios pelos porões do judaísmo”. São textos em que o autor revisita episódios da história judaica que não são motivos de orgulho para o povo judeu, trazendo-os para a atualidade em forma de paródia.

É o caso do conto “A Balada do Falso Messias”. Sua inspiração remonta ao fato histórico ocorrido na Palestina do século XVII protagonizado por Shabtai Zvi, proclamado Messias por seu “profeta” Natan de Gaza. Após empolgar comunidades judaicas de todo o mundo (inclusive Polônia e Holanda), Shabtai, colocado pelo sultão do Império Otomano ante à alternativa de decapitação, converteu-se ao Islã, para grande decepção de seus seguidores. Na verdade, um pequeno grupo destes manteve-se fiel, acreditando que a conversão fazia parte do plano de implementação da era messiânica.

Na versão de Scliar, Zvi e Natan, ainda vivos depois de mais de dois séculos, acompanham, em 1906, judeus russos a caminho das colônias agrícolas criadas pelo Barão Hirsch (que no conto passa a ser Barão Franck). A trajetória do “falso Messias” é recontada em meio a várias alusões a outros tantos episódios da história judaica e da vida de Jesus.

* Pesquisador independente

Palavras-chave: Moacyr Scliar, Literatura Judaica, Judaísmo, Sátira Social

Abstract

Some of Moacyr Scliar's works could properly be grouped under the title "walks through the basements of Judaism". These are texts in which the author revisits episodes of Jewish history that are not sources of pride for the Jewish people, bringing them to the present time in the form of parody.

This is the case of the short story "The Ballad of the False Messiah". Its inspiration dates back to the historical fact occurred in seventeenth-century Palestine starring Shabtai Zvi, who was proclaimed Messiah by his "prophet" Nathan of Gaza. After arousing Jewish communities around the world (including in Poland and the Netherlands), Shabtai Zvi, placed by the sultan of the Ottoman Empire in face of the alternative of decapitation, converted to Islam, much to the disappointment of his followers. In fact, a small group of them remained faithful, believing that Zvi's conversion was part of the implementation plan for the Messianic age.

In Scliar's version, Zvi and Nathan, still alive after more than two centuries, accompany, in 1906, Russian Jews on their way to the agricultural settlements created by Baron Hirsch (that in the short story happens to be Baron Franck). The trajectory of the "false Messiah" is recounted in the midst of several references to so many other episodes of Jewish history and the life of Jesus.

Keywords: Moacyr Scliar, Jewish Literature, Judaism, Social Satire

Em diversas obras, Moacyr Scliar faz convergir um episódio remoto com outro mais recente, da história judaica, trazendo-os para a atualidade em forma de paródia; além disso, recorre a outras referências esparsas à tradição judaica ou judaico-cristã, devidamente metamorfoseadas, para criar um pano de fundo sobre o qual a trama é desenvolvida.

Algumas destas obras poderiam, propriamente, ser agrupadas sob a denominação “passeios pelos porões do judaísmo”. São textos em que o episódio remoto revisitado não é exatamente um motivo de orgulho para o povo judeu. Neles, merece destaque a coragem do escritor em abordar temas e situações potencialmente constrangedoras, assumindo posições que lhe renderam críticas acerbas.

É o caso do conto “A Balada do Falso Messias”, publicado pela Ática em 1976, na coletânea de mesmo nome. O episódio remoto alude ao fato histórico ocorrido na Palestina do século XVII, protagonizado por Shabtai Zvi, que foi proclamado Messias por seu “profeta” Natan de Gaza. A região, na época, fazia parte do Império Otomano. Nascido em Esmirna em 1626, a partir de 1665 Zvi, alternando períodos de exaltação com crises depressivas, empolgou comunidades judaicas de todo o mundo, inclusive Polônia, Itália, Alemanha e Holanda, na Europa, e também Iêmen e norte da África, com um programa antinômico, já que, como afirmava, “a Torah anterior à era messiânica perderia sua validade com a chegada do Messias”. O Messias viria para proclamar uma nova Torah.

Em setembro de 1666, após algum tempo preso em Galípoli, Zvi foi colocado por Mehmed IV, sultão do Império Otomano, ante a alternativa de decapitação e apostatou do judaísmo, converteu-se ao Islã. Não obstante, prosseguiu com a pregação messiânica, no duplo papel de judeu e muçulmano, até sua morte em 1676. Sua exposição como um “falso Messias” provocou grande decepção entre seus muitos seguidores e no mundo judaico em geral.

Na verdade, um pequeno grupo de descendentes desses seguidores – os *Dönmeh* - mantém-se fiel ao sabataísmo até os dias de hoje, acreditando que a conversão de Shabtai era apenas um stratagema concebido para viabilizar o plano de implementação da era messiânica. São muçulmanos criptojudes. Presentemente, ainda existem alguns milhares de *dönmeh*, residindo, mormente, na Turquia.

Shabtai Zvi é, sem dúvida, o mais importante dos “falsos messias” que alimentaram as massas judaicas - tantas vezes à beira do desespero - com expectativas grandiosas de redenção através da inauguração da era messiânica, e afinal resultaram em decepções e frustrações igualmente grandiosas, em uma lista que remonta a Simão bar Kokhba, líder da última revolta contra os romanos nos anos 132 a 135, que foi declarado Messias por rabi Akiva, e passando por David Reubeni no século XVI e Jacob Frank no XVIII, entre tantos outros.

Essa tão decisiva passagem da história judaica foi exaustivamente investigada e analisada por Gershom Scholem em *Sabatai Tzvi: o Messias místico*, publicado no Brasil em 1995 pela Editora Perspectiva. Nas palavras do destacado pesquisador¹, “[h]á muito tempo que a historiografia judaica carecia sobremodo de uma história pormenorizada do movimento sabataísta, o mais importante movimento messiânico no seio do judaísmo desde a destruição do Segundo Templo”.

O episódio recente utilizado por Scliar para estruturar seu conto remete ao grande projeto de colonização iniciado em 1891, quando o Barão Hirsch criou a *Jewish Colonization Association*, ou ICA, provendo-a de fundos para a aquisição de glebas na América. Em boa parte, essa iniciativa foi motivada pela violenta repressão aos judeus na sequência do atentado que resultou no assassinato do Tsar Alexandre II em março de 1881, tumultos a que escritores

¹ SCHOLEM, 1995, p. xiii

judeus se referiram como “as tempestades do Sul”. Veja-se, a respeito, o comentário de Ettinger²:

Ignatyev declared at the beginning of 1882 that “the western border is open to the Jews”, *i.e.*, the authorities wanted as many Jews as possible to leave Russia. The true architect of Russian government policy at that time, the Procurator of the Holy Synod (Head of the Ministry in charge of church affairs) Pobedonostsev, is credited with the remark that one-third of Russian Jews would emigrate, one-third die out and the remainder convert to Christianity.

Uma das consequências da intensa repressão anti-judaica foi uma maciça emigração de judeus russos para outros países europeus e para os Estados Unidos. A Associação tratou de mobilizar as massas judaicas do leste europeu para seu projeto, valendo-se de várias formas de divulgação, tais como prospectos coloridos, lindamente ilustrados.

Como informa o próprio Moacyr Scliar em *Caminhos da Esperança*³, o projeto de colonização da ICA iniciou-se pelo Canadá e pela Argentina, mas posteriormente foi estendido ao Rio Grande do Sul. Em 1902, um agrônomo chamado Lapine adquiriu, em nome da ICA, 5.766 hectares de terras no Pinhal, município de Santa Maria. Aí se estabeleceu, em 1904, a primeira colônia judaica do Rio Grande do Sul, a Colônia Philippon. Eram trinta e oito famílias, cerca de trezentas pessoas. Não por mera coincidência, vinham da Bessarábia, região situada entre a Romênia e o Império Russo.

A capital da Bessarábia era Kishinev, local onde ocorreu, em 1903, um terrível *pogrom*.

A respeito desse episódio, Ettinger esclarece que⁴

The protests of liberal and radical circles against official anti-Semitism led the authorities to claim that the Russian revolutionary movement was a Jewish plot, being carried out with the aid of Russia’s enemies. Thus the government of Nicholas II chose to fan anti-Semitic sentiment among the masses as a means of creating a political weapon.

² ETTINGER, 1997, p. 884

³ SCLIAR, 1985, p. 19-20

⁴ ETTINGER, 1997, p. 886

De acordo com um relatório oficial citado por Ettinger, o *pogrom* resultou em mais de cinquenta pessoas mortas e acima de 500 feridas, enquanto centenas de lares e lojas foram saqueadas e destruídas⁵.

Esses acontecimentos deram significativo impulso à emigração judaica, inclusive para as colônias gaúchas da ICA. Cada família recebia 25 a 30 hectares de mato e campo, além de instrumentos de trabalho agrícola, duas juntas de bois, duas vacas, um cavalo, alguns mantimentos e um pouco de dinheiro, tudo a título de empréstimo – até a primeira colheita -, e eram alojadas em pequenas casas de madeira com teto de zinco.

Com o passar do tempo, o projeto foi ampliado. Em 1909 a ICA adquiriu mais uma gleba, a fazenda Quatro Irmãos, nos atuais municípios de Erechim e Getúlio Vargas, atraindo outras sessenta famílias. Em 1913, mais cento e cinquenta famílias.

Se, por um lado, as colônias continuavam a funcionar como polo de atração de novas levas de imigrantes, por outro as dificuldades da vida no campo e a percepção de que nas cidades poderiam melhorar de vida e – muito importante – teriam colégio para os filhos que cresciam, provocaram um forte movimento de êxodo, com muitas famílias abandonando as colônias e indo se estabelecer em centros urbanos desenvolvidos, como Santa Maria, Passo Fundo, Erechim, Pelotas, Rio Grande, Uruguaiana e Porto Alegre, para se dedicarem ao comércio.

Todos esses aspectos da grande aventura do estabelecimento de judeus do leste europeu na vida rural do Rio Grande do Sul estão presentes em “A Balada do Falso Messias”, devidamente ficcionalizados.

⁵ Ver ETTINGER, 1997, p. 886.

A aproximação de episódios afastados no tempo permite ao escritor estabelecer entre eles uma espécie de continuidade e favorece a busca de semelhanças e diferenças.

Há quem associe a eclosão do sabataísmo à catástrofe que se abateu sobre as comunidades judaicas na Ucrânia, Lituânia e Polônia nos anos de 1648 e 1649, o grande massacre de judeus pelos cossacos liderados pelo *hetman*⁶ Bogdan Khmelnitsky⁷; similarmente, a migração de judeus do leste europeu para o Rio Grande do Sul, por sua vez, foi bastante estimulada pelos *pogroms* de Kishinev em 1903.

De outro ponto de vista, os dois empreendimentos terminaram em tom negativo; é claro que a decepção com o projeto de colonização não é comparável à enorme frustração resultante da aventura messiânica de Shabtai Zvi; afinal, ainda hoje judeus oriundos das colônias da ICA exercem atividades rurais no noroeste do Rio Grande do Sul e em ramificações no Paraná e Mato Grosso do Sul, enquanto Zvi foi quase completamente apagado da memória coletiva judaica.

Na versão de Scliar, Shabtai Zvi e Natan de Gaza, ainda vivos depois de mais de dois séculos, acompanham, em 1906, judeus russos a caminho das colônias agrícolas criadas pelo Barão Hirsch (que no conto passa a ser Barão Franck). A trajetória do “falso Messias” é recontada em meio a várias menções a outros tantos episódios da tradição judaica e judaico-cristã, principalmente da vida de Jesus Cristo.

Scliar trata os temas abordados com grande humor, fazendo amplo uso de ironia, de paródia e de inversões para obter os efeitos desejados, num elaborado exercício de sátira social. Assim, por exemplo, parodiando a passagem em que Jesus, no início de sua carreira, transforma

⁶ Título do segundo mais alto comandante militar (depois do monarca) usado do século XV ao XVII na Polônia e Grão-Ducado da Lituânia.

⁷ O próprio Gershom Scholem, não obstante, considera esta explicação algo simplista, preferindo caracterizar o sabataísmo como um movimento religioso associado ao cabalismo luriânico (SCHOLEM, 1995, pp. 1 ss), que, por sua vez, remete à expulsão dos judeus da Espanha, em 1492.

água em vinho (Bodas em Caná da Galileia⁸), Shabtai Zvi termina seus dias na mesa de um bar, na companhia do narrador em primeira pessoa, transformando vinho em água.

Ainda aludindo à vida de Jesus, ao episódio em que Jesus anda sobre o mar da Galileia⁹, o narrador comenta que¹⁰ “quem conhece o poder dos nomes pode andar sobre a água sem molhar os pés”.

A referência de Scliar¹¹ ao “poder dos nomes (os nomes podem esconjurar demônios; e isto sem falar da força do nome secreto, inefável e impronunciável de Deus)”, por sua vez, remete a outro “porão do judaísmo”, ou seja, a proliferação, na Polônia do início do século XVIII, dos *baalei shem* – em hebraico, senhores do nome –, milagreiros que, alegando conhecer o nome inefável da divindade, iam de *shtetl*¹² em *shtetl* e se propunham a curar com amuletos e feitiços, consequência direta da imensa desilusão das massas judaicas na sequência da aventura sabataísta, as quais, mergulhadas nas trevas da ignorância, se deixavam seduzir pelo misticismo mais barato¹³.

Bogdan Khmelnytsky, o líder dos cossacos na Ucrânia do século XVII em sua revolta contra o domínio polonês e correspondentes ações contra os judeus, retorna metamorfoseado em Chico Diabo¹⁴: “É então que surge em Barão Frank o bandido Chico Diabo. Vem da fronteira com seus ferozes sequazes. Fugindo dos ‘Abas Largas’, esconde-se perto da colônia. E rouba, e destrói, e debocha.”

Até mesmo as pragas do Egito se repetem, agora para prejudicar e punir os judeus. Na mesma época em que esses são assolados por Chico Diabo, cai uma chuva de granizo que arrasa

⁸ BÍBLIA, João 2.

⁹ BÍBLIA, Mateus 14:25; 33.

¹⁰ SCLiar, 1976, p. 14

¹¹ SCLiar, 1976, p. 14

¹² Segundo Jacó Guinzburg (1966, p. 479), “cidadezinha, aldeia em ídiche. Designa especificamente os pequenos aglomerados urbanos em que, durante um longo período, viveram os judeus da Europa Oriental”.

¹³ A respeito desse assunto, ver, por exemplo, JOHNSON, 1988, p. 295 ss, e também ETTINGER, 1997, p. 768

¹⁴ SCLiar, 1976, p. 14

as plantações de trigo e é interpretada por Zvi como castigo divino. De qualquer maneira, a situação é instrumentalizada por Shabtai e Natan para convencer os colonos judeus da necessidade de abandonar tudo, migrar para a Palestina e construir um grande templo em Sfat, com isso inaugurando a era messiânica.

Parodiando a recusa de Jesus em apoiar qualquer rebelião contra os romanos – não se opondo ao pagamento de tributos a Roma¹⁵ -, Zvi opõe-se às propostas de que os colonos deveriam enfrentar os bandidos de Chico Diabo já que¹⁶ “Nosso reino está além mar. E Deus vela por nós. Ele providenciará”.

Por fim, assim como Jesus¹⁷, Zvi acaba por enfrentar o diabo cara a cara e o derrota. No relato de Natan de Gaza¹⁸,

- Quando chegamos lá – contou – encontramos Chico Diabo deitado no chão. Perto dele, um curandeiro fazia mandingas. Shabtai Zvi sentou perto do bandido. Não disse nada, não fez nada, não tocou no homem – só ficou olhando. Chico Diabo levantou a cabeça, olhou para Shabtai Zvi, deu um grito e morreu.

Note-se que, fiel a sua postura antinômica, Zvi viola o *shabat* – o que é permitido quando se trata de salvar vidas – para, na verdade, matar um inimigo.

No conto de Scliar, esta passagem é a principal causa do êxodo dos colonos para Porto Alegre, liderados por Leib Rubin, chefe da comunidade, que se estabelece com uma loja de fazendas, depois investe em imóveis e por fim abre uma financeira, reunindo grande fortuna. É acompanhado, alguns dias depois de sua mudança, pelo próprio Shabtai Zvi, que, como bom genro judeu, vai empregar-se em uma de suas empresas.

¹⁵ BÍBLIA, Mateus 22:15-22.

¹⁶ SCLiar, 1976, p. 15

¹⁷ BÍBLIA, Lucas 4:1; 13.

¹⁸ SCLiar, 1976, p. 18

Natan, como o Natan de Gaza histórico após a morte de Shabtai Zvi, desaparece sem deixar traços.

Cabe observar que a comicidade do conto – como em tantas obras de Moacyr Scliar - é, em boa parte, derivada da decifração das alusões espalhadas no texto. Mas essa decifração de forma nenhuma é necessária para o entendimento da trama, que se sustenta por si mesma. O autor evita, assim, que o conto se reduza a um *roman à clé*, que excluiria leitores menos familiarizados com o judaísmo.

A descrição oferecida por Scliar do estabelecimento de colônias judaicas no sul do Brasil é corroborada por Bila Sorj em “‘Normalizando’ o Povo Judeu: A Experiência da *Jewish Colonization Association* no Brasil”¹⁹, artigo em que a socióloga destaca a importância que assumia, desde a segunda metade do século XIX, a questão da normalização, ou seja, a necessidade de que a pirâmide ocupacional do povo judeu adquirisse um formato “normal”, com um proletariado na base e os grandes detentores de capital no vértice; no projeto da ICA, a normalização seria atingida através de um processo de regeneração física e moral dos judeus russos, tendo como principal instrumento a atividade agrícola..

De fato, devemos reconhecer que a colonização do noroeste do Rio Grande do Sul por judeus russos não contribuiu muito para a almejada normalização do povo judeu. Os colonos, em sua grande maioria, se tornaram empreendedores, comerciantes, e seus descendentes são empresários, profissionais liberais, todos na região superior da pirâmide ocupacional judaica brasileira, que continua a não ter uma base proletária. Sobraram, porém, belas histórias de adaptação a um árduo estilo de vida ao qual não estavam habituados.

E narrativas ficcionais instigantes como essa “Balada do Falso Messias”, que, além de tudo, nos faz pensar que seria muito bom que o surgimento de novos messias deixasse de ser

¹⁹ SORJ, 1997, p. 87-102

uma necessidade recorrente das massas judaicas. Nas palavras de Scholem²⁰, “a historiografia judaica preferiu, de um modo geral, ignorar o fato de que o povo judeu pagou um preço muito alto pela idéia messiânica”. O episódio protagonizado por Shabtai Zvi e Natan de Gaza certamente constitui um “porão do judaísmo”, pouco visitado atualmente, e que merece ser adequadamente ventilado.

De outra parte, o recente lançamento de *A nossa frágil condição humana* pela Companhia das Letras, livro que reúne “crônicas judaicas” selecionadas e organizadas por Regina Zilberman, permite constatar que também neste gênero Scliar não hesitava em “incisar abscessos”, “ventilar porões”, enfrentar questões éticas para as quais o dia-a-dia chamava sua atenção.

Este procedimento pode ser verificado em várias crônicas. Em muitas delas, Scliar, sem em nada diminuir sua admiração e apoio incondicional à existência do Estado de Israel, aponta para atos do governo de Israel que, a seu ver, merecem reparos.

Na crônica “Uma lição para todos nós”, por exemplo, de 17 de abril de 1982, aproximando o episódio do levante do gueto de Varsóvia em 1943 - em que os combatentes rebeldes resistiram heroicamente à invasão do gueto pelas tropas nazistas - à invasão do Líbano pelo exército de Israel em 1982, Scliar alerta²¹: “Nas mãos de um líder carismático como Begin, o Holocausto se transforma num poderoso instrumento de mobilização da paranoia e, indiretamente, de manutenção do poder”.

²⁰ SCHOLEM, 1995, p. XVII.

²¹ SCLIAR, 2017, p. 36.

Em “Das ruínas de Beirute”, de 22 de agosto de 1982, ainda tratando do envolvimento de Israel na primeira guerra do Líbano²², Scliar alerta²³ que a obra dos pioneiros, que no início do século vinte dirigiram-se para Israel para fundar *kibutzim* “movidos por uma convicção ética e política”, começava a apresentar sinais de degeneração.

Na crônica “Diário de bordo”, de 19 de fevereiro de 1984, Scliar volta ao tema e não contém sua indignação, adotando o tom de voz dos profetas bíblicos para bradar²⁴:

A guerra do Líbano é uma guerra suja, uma guerra desgastante, um tiro pela culatra. A ambição de um caudilho transformou o que deveria ser uma operação policial militar num confronto de enormes proporções e, o que é mais grave, extremamente discutível do ponto de vista moral.

Há também, no livro recém lançado, crônicas que não têm como alvo ações do governo de Israel. Em “Barco na correnteza”, de 09 de agosto de 1978, por exemplo, Scliar chama a atenção para a existência, na Jamaica, durante a época do tráfico de escravos capturados na África, de traficantes judeus²⁵.

Em outra crônica, Scliar, ele mesmo médico, critica atos de seus colegas de profissão. Em “Médicos e monstros”, de 20 de agosto de 1997, lembra²⁶ que a data remete ao quinquagésimo aniversário da decisão do Tribunal de Nuremberg de condenar 23 médicos nazistas por participação em atividades de genocídio. “Diante da enorme quantidade de pessoas indefesas,” diz, “a medicina [nazista] optou pela extrema crueldade das experiências sem sentido, da tortura impiedosa, das câmaras de gás”.

²² A guerra do Líbano de 1982, ou “Operação Paz na Galileia”, começou em 6 de junho de 1982, quando as Forças de Defesa de Israel invadiram o sul do Líbano – oficialmente com o objetivo de fazer cessar os ataques da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), baseada em território libanês. Com o apoio de milícias libanesas, Israel invadiu o Líbano, chegando até Beirute. Após dois meses de intensos bombardeios israelenses, foi negociada a retirada da OLP da capital libanesa. No ano seguinte, a organização palestina deixou o país.

²³ SCLIAR, 2017, p. 39.

²⁴ SCLIAR, 2017, p. 48.

²⁵ SCLIAR, 2017, p. 30.

²⁶ SCLIAR, 2017, p. 128-9.

E observa, muito oportunamente, que esses procedimentos não foram exclusivos dos médicos nazistas. “No Alabama,” reporta, “médicos deixaram de usar a penicilina em pacientes negros com sífilis para observar como evoluiria a doença não tratada”.

Mas não deixa por menos: conclui a crônica equiparando o comportamento de alguns médicos brasileiros durante o regime militar ao dos médicos nazistas: “Uma experiência que os médicos da ditadura, por exemplo, herdaram e que praticaram – inclusive aqui no Brasil – até muito pouco tempo”.

Esta lista, por certo, poderia se estender por muitas e muitas páginas, considerando-se a excelência de tantas das crônicas reunidas em *A nossa frágil condição humana*. Mas acredito que os exemplos indicados são suficientes para enfatizar a enorme coragem moral de Moacyr Scliar, que sempre pôs sua escrita a serviço das causas que julgava eticamente defensáveis.

A crônica, como gênero literário, é, por excelência, o território do transitório, do efêmero; o acontecimento tão impactante do momento pode se revelar, com o passar do tempo, completamente irrelevante. Devemos, então, para apreciar uma coletânea de crônicas que vem à luz décadas após as publicações originais, buscar o permanente, o invariante. Que é a visão de mundo do autor. No caso de Moacyr Scliar, sua honestidade intelectual, sua decisão inabalável de levantar sua voz de protesto contra o que considera inaceitável, sem se deixar intimidar pelas críticas que recebia.

Referências bibliográficas

BÍBLIA. Trad. João Ferreira de Almeida [s.l., s.n., s.d.]. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

ETTINGER, S. – “The Modern Period” in BEN-SASSON, H. H. – *A History of the Jewish People*. (Tradução de George Weidenfeld and Nicolson Ltd). Cambridge: Harvard University Press, 1997, p. 727-1096.

GUINSBURG, Jacó (Org) – *O Conto Ídiche*. São Paulo, Perspectiva, 1966.

JOHNSON, Paul – *A History of the Jews*. New York: Harper Perennial, 1988.

SCHOLEM, Gershom – *Sabatai Tzvi: o Messias místico*. (Tradução de Atílio Cancian, Ari Sólon e Jacó Guinsburg). São Paulo: Perspectiva, Associação Universitária de Cultura Judaica, 1995.

SCLIAR, Moacyr – *A Balada do Falso Messias*. São Paulo: Ática, 1976.

----- *Caminhos da Esperança*. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1985.

----- *A nossa frágil condição humana: crônicas judaicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SORJ, Bila – “‘Normalizando’ o Povo Judeu: A Experiência da *Jewish Colonization Association* no Brasil”. In SORJ, Bila (Org.) – *Identidades Judaicas no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 87-102.